

## Ondjaki: poesia em diálogo com outros

Hérica Aparecida Jorge da Cunha Pinheiro<sup>1</sup>

Este trabalho faz uma análise da intertextualidade na obra poética *Materiais para Confecção de um Espanador de Tristezas*, do angolano Ondjaki, presente nas referências a outros poetas, escritores e músicos, em que deste modo, institui o diálogo intercultural, sobretudo com a literatura brasileira.

O escritor é um ser que deve estar aberto a viajar por outras experiências, outras culturas, outras vidas. Deve estar disponível para se negar a si mesmo. Porque só assim ele viaja entre identidades. E é isso que um escritor é – um viajante de identidades, um contrabandista de almas. Não há escritor que não partilhe essa condição...

Mia Couto<sup>2</sup>

### Introdução



*Materiais para Confecção de um Espanador de Tristezas*, obra poética do escritor angolano Ondjaki, publicada em 2009, é resultado de um cuidadoso trabalho, nota-

se pela sensível e coerente edição dos poemas, sobretudo nos diálogos que o poeta estabelece com outros artistas, fazendo claras referências e compartilhando o que ele traz consigo: sua bagagem literária, seus afetos artísticos, seu fascínio cultural.

Ondjaki, que em umbundu significa guerreiro, é o nome literário de Ndalú de Almeida, nascido em Luanda dois anos após a independência de Angola, em novembro de 1977. Poeta, romancista e roteirista, co-realizou o filme

<sup>1</sup> Mestranda em Estudos Literários da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT/MT

<sup>2</sup> “Que África escreve o escritor africano?”. In: *Pensatempos – textos de opinião*. COUTO. Mia: 2005, p.:59.

sobre Luanda, *Oxalá! Cresçam Pitangas*, em 2006. É o membro mais jovem da União dos Escritores Angolanos.

Em sua trajetória literária, dentre romances e coletâneas de contos, escreveu quatro obras poéticas: *actu sanguíneu*, que inaugura o seu ingresso no universo literário, no ano de 2000; *há prendisajens com o xão*, em 2002; *materiais para confecção de um espanador de tristezas*, em 2009; em 2010 a última, com o título *Dentro de Mim Faz Sul*.<sup>3</sup>

O poeta faz parte da primeira geração de angolanos que cresceu em um país independente, embora em guerra, já que nasceu dois anos após a independência de Angola, período em que o sentimento de angolinidade é absoluto para afirmação dos valores culturais. No entanto, suas obras não estão vinculadas exatamente como um eco dessa guerra, ou seja, as temáticas mais recorrentes na literatura pós-independência, como a denúncia da opressão e discriminação advinda do sistema colonial, a resistência, e a luta, temas tão eivados no sentimento de mágoa e utopia do povo angolano, não constam em sua poesia, não de maneira direta. O poeta lança um novo olhar para Angola, que reflete no ofício artesanal da palavra poética, um diálogo entre memórias e aspectos culturais. A propósito escreve Vera Maquêa:

Ondjaki é filho da independência de Angola; nasce em Luanda em 1977 e encontra um mundo em franca transformação no movimento geral da modernização e da economia de mercado; dá-se com uma tradição literária da qual fazem parte muitos escritores como Manuel Rui, Pepetela, Paula Tavares, Luandino Vieira. Ou seja, quando Ondjaki publica seus primeiros livros, já existe uma Literatura Angolana consolidada. (MAQUÊA: 2010, p.70)

### **Diálogos**

A poesia de Ondjaki, em *Materiais para Confecção de um Espanador de Tristezas*, é repleta de referências a personalidades do campo das artes, sobretudo da literatura, poesia e música. No posfácio da obra, o escritor brasileiro Paulinho Assunção faz comentários a respeito:

Você pode imaginar uma esquina do mundo onde Ondjaki encontra Manoel de Barros, Luandino Vieira, Guimarães Rosa, Adélia Prado, Raduan Nassar... E acho que Ondjaki não tem medo de trazer para o seu livro os seus afetos todos literários... Pois neste livro eu encontro as conversas que o Ondjaki mantém com Manoel, Luandino, Rosa, Adélia... (ASSUNÇÃO, apud ONDJAKI, 2010, p. 85. grifo nosso)

A menção aos autores não se restringe somente aos nomes, pois há também alusões aos procedimentos artísticos dos mencionados. Podemos observar isso notadamente

---

<sup>3</sup> As informações sobre o autor e sua obra foram retiradas do endereço eletrônico: <http://www.kazukuta.com/ondjaki/ondjaki.html>, capturadas em 01 de junho de 2010.

no metapoema intitulado *“Intimidar o poema a ser raiz”* (2009, p.: 34), em que o artifício de manejar a palavra, por meio do artesanato verbal, redimensiona semanticamente a capacidade de significação e riqueza do poema, que não se reduz às referências, estende-se a Carlos Drummond de Andrade, Manoel de Barros, Luandino Vieira, Guimarães Rosa, Mia Couto e Graciliano Ramos, numa sincronia que relaciona as características poéticas e literárias de cada autor com a verbalização de seus nomes, tecendo uma viagem por mundos e estilos literários com extrema inventividade na criação de imagens como estas:

era um poema lateral aos sentidos.  
 ganhava formato ébrio  
 ao nem ser escrito.  
 longe dos pensamentos  
 imitava uma pedra  
 (aí as palavras drummondeavam).  
 longe das lógicas  
 - com tendência vagabunda-  
 o poema driblava lados avessos  
 de noites  
 e animais  
 (aqui á sílabas manoelizam, barrentas).  
 mas uma estrela nunca brilha  
 tão solitária;  
 encarece-se de luandinar;  
 miar à couto,  
 esvair-se para guimarães...  
 era um poema carente de afectar-se  
 a ramos gracilianos.  
 assim alcançava  
 o estatuto  
 de raiz.  
 cheirando, emitia brilhos tímidos  
 -fosse um pirilampo.  
 (ONDJAKI. 2009, p.:34)

A homenagem aos escritores de língua portuguesa também está presente no poema *“Olhar o Cosmos”* em que a menção ao poeta e ensaísta cabo-verdiano Mário Alberto de Almeida Fonseca agrega à escrita poética belas referências a seu respeito:

era um momento universal.  
 o mário descontava isso:  
 “tenho um pacto fortíssimo com os livros”  
 (os braços dele falavam.  
 também os olhos.)  
 há sempre um livros à minha espera.”  
 a lua – olhamos  
 tinha um disco esbranquiçado  
 e vesti-la

vi esse disco, há muitos anos,  
no céu do mussulo.  
o mário delirou.  
a lua também.  
até um velho de chapéu enterrado nos olhos  
veio espreitar o mundo naquele halo.  
era uma luz densa  
condizente  
com mário fonseca.  
era uma estrela branca  
num verso cósmico  
à espera dele.  
a nossa conversa trazia cócegas ao cosmos.  
(ONDJAKI. 2009, p.: 35)

A obra em questão também apresenta um material poético constituído de ínfimos elementos ligados a terra, um universo telúrico composto de pequenos seres. No poema abaixo Jorge Macedo, escritor e poeta angolano, está em completa harmonia com essas criaturas:

na casa do camarada Macedo  
as estrelas já não pedem licença  
(ganharam à-vontade de entrar);  
os gambozinos expulsaram os sapos da noite;  
tomaram uma minúscula colina.  
de repente o céu entornou uma estrela  
sobre a casa.  
a poeira cósmica faz sombra  
na casa dele.  
hoje mesmo, agorinha, os gambozinos recuaram  
e se recolheram – perto da represa.  
fizeram as pazes com os sapos.  
um dia atrás do tempo,  
o camarada macedo chegou nesta colina  
e cumprimentou um lagarto (dono de uma noiteira);  
esse lagarto é que autorizou o camarada Macedo  
a habitar o local.  
nesta casa circulam abelhas mansas,  
quissondes inofensivas.  
até estrelas.  
o camarada macedo ainda agora disse:  
“este lagarto faz parte da família.”  
(o camarada macedo também deve fazer parte da família  
do lagarto.)  
louvada seja a huíla.  
(ONDJAKI. 2009, p.:23)

Em seus poemas, Ondjaki, de certo modo, teoriza procedimentos de outros autores, isso acontece também nos poemas que reverenciam além do autor, a personagem,

como ocorre com Jorge Luis Borges, e de maneira mais intensa com Luandino Vieira, em que vemos João Vêncio, personagem da obra *João Vêncio: os seus Amores*:

certo personagem de borges decidiu desalojar os passari-  
nhos que haviam feito ninho no peito dele...  
borges não gostava de desperdiçar nada.  
borges tinha só saudades de ver – espreitar o mundo sem  
ser só pelos dedos da mão.  
(ONDJAKI. 2009, p.:18)

quando olhei o céu do lubango inundado de estrelas lin-  
das, o meu coração lembrou joão vencio, suas estrelas  
amorosas, todo um mukulusu literário me inundou as  
veias, imaginei um desenho para o luandino...  
(ONDJAKI. 2009, p.: 24)

Música e poesia se encontram em poemas que referem-se a cantores e compositores, bem como os suas letras musicais. Assim ocorre no poema “Noite Caluanda” em que dois nomes consagrados da música brasileira fazem alusão a “Casa do Campo” música dos compositores Zé Rodrix e Tavito, eternizada na voz de Elis Regina: “era uma noite tranquila na casa de um amigo (...a Elis Regina sabia semear amigos numa casa de campo; o Adoniram foi lá enraizado).” (2009, p.: 41).

Cheio de ritmo e sonoridade, o músico e compositor português Rodrigo Leão embrenha-se nos versos de “Penúltima Vivência II”, belo poema cheio de musicalidade em que a exploração dos sons parece atrair outros sons:

de dia era rodrigo leão.  
de noite  
cinematográfico  
era só leão.  
lido, longe  
ficam mais os dedos  
que as memórias  
e vozes  
e dias atrozés  
embalado para onde eu fosse  
eu ia!  
aceitando mais a noite  
que o dia...  
(ONDJAKI. 2009, p.: 54)

Ainda sobre músicos, o português Jorge Palma, assim como os demais artistas não somente tem seu nome citado como também a sua expressão artística. A música de sua autoria: *Olhos de Catarina* está nos dois poemas seguintes, sendo que no segundo a menção a ela está até no título:

“certa tarde, jorge tentou fugir do bairro do amor...  
jorge palma tirou a mão do queixo, olhou para a multidão

confessando uma bebedeira à moda antiga. o piano que  
lhe desculpasse os dedos.  
foi um momento ardente. propício à poesia. à música, ele  
inventava passos novos, suave os dedos, golpeava a lógica.  
Ele regressava – sem nunca ter saído da terra dos sonhos.  
Cambaleava os pés em trejeitos de cuidado, usando os  
Olhos de catarina pra iluminar um atalho musical”  
(2009, p.: 33 grifos nossos)

**USAR OS OLHOS DE CATARINA:**

para acordar de uma bebedeira e enfrentar o mundo. para  
perder medos e aceitar o destino. para estender no mundo,  
sob o sol dos olhares, uma poesia musical. para prever um  
passado enxaguado em lágrimas. Para verter confissões inti-  
mistas. para devolver ao piano o seu lado selvagem.  
para ir sendo  
(...)  
É um dom mais adequado às mão mágicas de Jorge Palma.  
(ONDJAKI. 2009, p. 70)

Também no título, encontra-se o nome e as reminiscências da poética de Arlindo Barbeitos, poeta e ficcionista angolano. A poesia de ambos dialoga notoriamente, pois o poema de Ondjaki: *“Para encontrar pacaças nos poemas de Arlindo Barbeitos”* (2009, p.: 71) refere-se notadamente a *“No tempo, em que as pacaças entram”*<sup>4</sup> de autoria de Arlindo Barbeitos.

Até mesmo nas notas de observações encontramos esses belos diálogos. No poema *“Essa palavra Margem”* está inclusa uma nota ao pé da página que diz *“quem quase domesticou a palavra margem foi Guimarães Rosa”* (2009, p.: 78).

**Percepção e construção da intertextualidade**

Estes diálogos apresentados pelos poemas de Ondjaki podem ser analisados a partir da intertextualidade, teoria concebida e nomeada pela crítica literária francesa Júlia Kristeva, em que pontua que *“todo texto se constrói como um mosaico de citações; todo texto é absorções e transformações de textos”* (apud PERRONE MOYSES. 1990, p.: 94).

Esta teoria nos indica que um texto é resultante de relações com outros textos e ideologias, em que o autor dialoga com outros autores. Entretanto, a intertextualidade pressupõe o reconhecimento das referências, e a capacidade de interpreta-las. As relações entre o texto e outros textos já lidos dependem de pressuposições, para poder perceber a relação entre eles. De tal modo, o leitor realiza um processo de

---

<sup>4</sup> Poema retirado do endereço eletrônico:  
<http://betogomes.sites.uol.com.br/ArlindoBarbeitos.htm>, capturado em 05 de julho de 2010.

construção de sentidos e, para isso, conta com seu conhecimento prévio. Quanto maior for o seu conhecimento, maior será a facilidade de compreensão do intertexto:

Evidentemente, a intertextualidade está ligada ao conhecimento dos códigos utilizados (entre eles, o código lingüístico) e ao conhecimento de mundo, que deve ser compartilhado, ou seja, comum ao produtor e ao receptor. A nossa compreensão de textos dependerá muito da nossa experiência, vivência e leitura. (MAIA, 2007, p. 193)

Nesse sentido, a importância da leitura para a percepção e construção da intertextualidade é fundamental, sobretudo no reconhecimento do intertexto que exige do interlocutor a capacidade de interpretar a função da referência em questão, *“resumidamente, podemos afirmar que a leitura é o resultado da interação entre o que o leitor já sabe e o que ele retira do texto”* (FULGÊNCIO & LIBERATO, 2000, p. 14).

Deste modo a leitura também é intertextual, pois no reconhecimento do intertexto, o leitor estabelece relações do texto atual com outros já lidos, ou seja, o leitor faz inferências e retoma textos para construir a significação textual, e assim faz uso de sua bagagem literária e cultural.

Todo este universo intertextual envolvido nos poemas é fruto da bagagem que Ondjaki traz consigo. Em entrevista a Isaquiel Cori<sup>5</sup>, sobre as leituras que se revelaram decisivas na sua formação cultural e artística, o poeta responde:

Fica difícil citar nomes, no entanto é importante referir que as leituras são muito importantes, muito mais do que aquilo que se usa imaginar. E digo isto não só porque as leituras nos permitem em certa maneira interagir com os textos de outros, como nos dão ainda acesso ao seu imaginário. E frequentar livros é frequentar mundos, é viajar. E a diversidade faz crescer, se bem apreendida. Penso que hoje em dia se descarta um pouco a importância da leitura na formação pessoal do indivíduo. Parece que os escritores e os estudiosos é que devem ler livros. Não concordo com esta visão, penso até que faz parte da "boa educação" ter-se em atenção os hábitos e os tipos de leitura. Isto para dizer que praticamente toda a leitura é decisiva na formação cultural das pessoas. Mesmo aquilo que não se quer mais ler, mas para rejeitar é preciso ter experimentado. Pessoalmente, todos os autores com acentuado estilo próprio e sem medo de "voar" me foram muito importantes. Por exemplo, Gabriel García Márquez, Guimarães Rosa, Kazantzakis, Luandino. Mas também Clarice, Manoel de Barros, Manuel Rui Monteiro, Mia Couto, Paul Celan. Ficam muitos por dizer.

---

<sup>5</sup> Entrevista concedida a Isaquiel Cori, disponível no endereço eletrônico: <http://www.ueangola.com/index.php/entrevistas/item/365-hei-de-escrever-enquanto-fizer-sentido.html>, capturada em 11/12/2010.

### Angola e Brasil: diálogos interculturais

É inevitável perceber a importância dos autores brasileiros na formação de Ondjaki. O afeto pela literatura brasileira expressa-se não somente diante de sua declaração, bem como através das referências em sua poesia.

No entanto, é no poema “*De Adélias e Prados*”, que o poeta faz uma bela homenagem a dois nomes consagrados da literatura brasileira: Adélia Prado e Raduan Nassar. Sem preocupação com o gênero, Ondjaki cerca a experiência do cotidiano tão ao gosto desses autores, e assim, capta o lirismo configurado pelo os seus universos poéticos:

estou tão perto  
que uma paz  
me calca os sentidos  
eu-pedra  
eu-mundo  
eu labirinto nas calmarias da tua  
voz escrita  
as tuas palavras induzem à descoberta  
do profundo;  
escondo preces na tinta dos teus dedos,  
nos teus olhos felinos  
nas tuas palavras rudes – de madeira.  
fico perto  
tão perto de saber o que tu  
e Raduan  
têm nos bolsos do vivenciado...  
(ONDJAKI, 2009, p.: 36)

Os diálogos intertextuais explícitos na poesia demonstram que Ondjaki tem muita proximidade com a cultura brasileira. Em resposta ao professor da Universidade de São Paulo, Benjamin Abdala<sup>6</sup>, questionado sobre quando e porque descobriu o Brasil, o poeta disse:

**Ondjaki:** Eu acho que o primeiro contato com o Brasil, sinceramente, começou com Graciliano Ramos... Eu peço desculpas... Foi antes. Em termos cronológicos, começou com as telenovelas: *Roque Santeiro* [1986. Escrita por Dias Gomes e Aguinaldo Silva], *O bem amado* [1973. Escrita por Dias Gomes com supervisão de Daniel Filho], ainda é muito... Esse foi o primeiro contato. Televisivo. Com as telenovelas. Com *Os Trapalhões* também [programa humorístico lançado na televisão na década de 1960 e de muito sucesso nos anos 1970. Foi nosso primeiro contato... Esta chegada a

---

6

Entrevista disponível em  
[http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/238/entrevistados/ondjaki\\_2007.htm](http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/238/entrevistados/ondjaki_2007.htm), capturada em: 20 de maio de 2010.



Guimarães, a Clarice Lispector e a Manoel de Barros acontece um pouco mais tarde, aí pelos meus 23, 24 anos. Muito antes disso, penso que as minhas primeiras leituras foram Graciliano, depois Jorge Amado. E, no meio disso, que ninguém me deu, eu que encontrei em uma estante e gostei do título: "Um certo capitão Rodrigo". É tão bonito, o Érico Veríssimo. "Um certo capitão Rodrigo" (é um capítulo do livro *O Continente*) ao dar esse título. Eu li aquele título e disse: "Aqui há tocaia". A tocaia das novelas. Eu comecei a ler a história e gostei muito. Claro, não terei apanhado tudo com 14 anos, mas é brilhante o ritmo que ele imprime naquela obra. Eu abaixava, ao ler certas páginas, porque estava no ritmo do livro, de jagunçada, muito interessante que condizia com coisas que eu tinha visto na novela *Roque Santeiro*, aquela coisa de sempre matar Roque Santeiro mas não mata. O próprio Lima Duarte, no *O bem amado* é um jagunço quando ele quer matar alguém e ele nunca mais mata, não é? Ali é um universo que você vai alimentando. Depois sim, quando eu já estudava em Lisboa, quando eu conheci Guimarães e Clarice, e uma escritora angolana depois, Ana Paula Tavares. E, finalmente, Manoel de Barros. E este foi muito importante.

Ondjaki nos remete aos laços que envolvem Angola e Brasil, e assim retomamos os tempos que vem desde a escravidão, em que a cultura africana foi fundamental como uma das bases da formação cultural brasileira. Para Benjamin Abdala "*o que une Brasil e Angola, além da língua, são as condições ecológicas*" (ABALA. 2003. p. 104, 105), ou seja, uma ecologia cultural resultada da imposição colonial e do escravismo, que criou uma situação que vem sendo historicamente resgatada em favor de um estatuto democrático e humanístico. Ao se referir à relação existente entre Brasil e a África, o poeta angolano Arlindo Barbeitos diz<sup>7</sup>:

"Durante muito tempo sentimos uma certa fascinação pelo Brasil, e ainda sentimos... Porque a gente tem consciência de como a nossa gente influenciou no Brasil./.../ o nosso modo de ser se desenvolveu em África e, por conseguinte, nem sequer em relação a eles nós devemos assumir uma posição de inferioridade – devemos, sim, assumir uma posição de parentesco, que ele existe, é indiscutível... esse parentesco significa responsabilidade... E inclusivamente no sentido – com toda a prudência – de mudança no próprio Brasil, de maior respeito por aquilo que é africano..." E ressalta ainda Arlindo Barbeitos : " O brasileiro que conhece a história de África conhece um pouco a sua história./.../ porque ela é uma parte do passado, também do seu país".

No que diz respeito a literatura, a consolidação dos sistemas literários dos países africanos de língua oficial portuguesa é recente, e em Angola, segundo Tânia Macedo "*a leitura de autores do modernismo brasileiro abriu caminhos*", ou seja, "*O Modernismo brasileiro, com o seu caráter de ruptura em 1922, mas, principalmente, o*

---

<sup>7</sup> Apud.: DANTAS. Elisalva Madruga. *Literatura, Território E Questões Sobre Hibridismo*. Disponível em: <http://www.ueangola.com/index.php/criticas-e-ensaios/item/115-literaturaterrit%C3%B3rioquest%C3%B5es-sobre-hibridismo.html>, capturado em 12/02/2011.

*projeto ideológico de 1930, apresentava, para os angolanos as credenciais fundamentais”* , que auxiliou a Geração de 50 a descobrir seu país, pois foram impulsionados pelo desejo de construção de uma identidade nacional.

A situação histórica e cultural semelhante a que o Brasil enfrentou e que Angola ainda enfrenta, apresenta-se sobretudo nos diálogos culturais que essas literaturas proporcionam e que vem sendo tecido historicamente, aproximando os dois países. A respeito, a professora Simone Caputo Gomes da Universidade de São Paulo responde a questão de Rosidelma Fraga, da Universidade Federal de Goiás:<sup>8</sup>

RF: A Literatura Africana de Língua Portuguesa estabelece um diálogo com a literatura brasileira. Luandino Vieira, Mia Couto com Guimarães Rosa. Vejo ainda Ana Paula Tavares, Eduardo White, Corsino Fortes, Manuel Lopes e tantos outros excelentes escritores a fazê-lo. Como Simone Caputo Gomes vê essa intertextualidade?

SCG: O diálogo cultural e o hibridismo são características marcantes da formação e da expansão dessas literaturas do macrossistema de língua portuguesa. O Brasil, sua cultura e sua literatura constituíram um paradigma nas identificações culturais e políticas que forjaram essas nações, proporcionando um deslocamento de uma subserviência a modelos e cânones do colonizador para o encantamento e o diálogo com um irmão ex-colonizado e em franco desenvolvimento político e cultural. É natural, pois, o diálogo Corsino-João Cabral, Luandino e Mia-Guimarães Rosa, Jorge Barbosa e Baltasar Lopes-Manuel Bandeira, e tantos outros. Esta intertextualidade não é apenas temática, é estrutural, no caso de algumas obras.

Os diálogos intertextuais presentes nos poemas de *“Materiais para Confecção de um Espanador de Tristezas”* corrobora com a consciência dos valores culturais que rodeiam Ondjaki, pois o poeta é um patrimônio cultural, sua poesia é objeto de apreensão e de transformação do seu país, como aponta Benjamin Abdala:

Ninguém cria do nada. Há a matéria da tradição literária que o escritor absorve e metamorfoseia nos processos endoculturativos, desde a apreensão “mais espontânea” dos pequenos “causos” populares, ditos populares, canções, etc., da chamada oralitura (“literatura” oral) até os textos “mais auto-reflexivos” da literatura erudita. Ocorre, nesse sentido, uma apropriação “natural” das articulações literárias sem que o próprio futuro escritor se aperceba de sua situação de ser social e de “porta-voz” de um patrimônio cultural coletivo. Quando o escritor escreve, pode julgar que o texto é apenas seu, não tendo consciência de que na verdade é a sociedade que se inscreve através dele. (ABDALA JR. 1989, p.112)

---

<sup>8</sup> Entrevista concedida para: ABRIL–Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF, Vol. 2, nº 2, Abril de 2009.

### Breves Considerações Finais

Sabe-se que a partir da década de 80, surge na poesia angolana uma nova geração que abarca novas expressões poéticas. Manuel Ferreira<sup>9</sup> explica que esses poetas deixam “*um discurso de exaltação, quer do passado político, quer da luta ideológica*”, para obras mais voltadas para o “*trabalho estético com a linguagem*”. Inocência Mata em “*Uma Reflexão Sobre Os Modelos De Representação Na Literatura Angolana*”<sup>10</sup>, também aponta:

“No âmbito da realização poética (de poesia), num universo de múltiplos e intermináveis experimentalismos, alguns nomes têm vindo impor-se não apenas pela regularidade da sua produção mas sobretudo pela convergência sistemática interior e intertextual dentro da literatura angolana, actualizando de forma magistral a tensão, própria de qualquer arte, entre a tradição e a originalidade.”

Por meio do ofício artesanal com a palavra poética em busca de inovações linguísticas e nos diálogos intertextuais, Ondjaki lança um novo olhar para Angola. O intertexto como recurso recorrente em sua obra torna-a imperativa, uma vez que “*a intertextualidade é pois máquina perturbadora. Trata-se de não deixar o sentido em sossego – de evitar o triunfo do ‘cliché’ por um trabalho de transformação*” (JENNY, 1979, p. 44). Deste modo, o poeta prima por uma práxis, que relacionada com a forma de apreensão ideológica, reconheça os valores angolanos, como línguas, cultura e condições existenciais.

Ondjaki é o representante de uma geração que nasceu em um país independente, mas tem a consciência de que ainda há muito para construir, e não nega suas referências. A intertextualidade em *Materiais para Confecção de um Espanador de Tristezas* não somente estreitam relações com os poetas, escritores e músicos mencionados, como também com o mundo a que eles pertencem. Além de Angola, berço do poeta, a Argentina, o Brasil, Cabo-Verde, Moçambique e Portugal, são abarcados nos poemas, em que se desenvolve os diálogos interculturais, que expressam além da postura ideológica de Ondjaki, a pluralidade do universo poético.

---

<sup>9</sup> FERREIRA, Manuel. A propósito da novíssima poética angolana. Letras & Letras, n. 70, p. 8, maio 1992.

<sup>10</sup> Disponível em: <http://www.ueangola.com/index.php/criticas-e-ensaios/item/121-uma-refleãosobre-os-modelos-de-representanaliteraturaangolana.html>. Capturado em 12/03/2011

### Referências:

ABDALA, JR, Benjamin. *De vãos e ilhas. Literatura e Comunitarismo*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

\_\_\_\_\_. *Literatura história e política*. São Paulo: Ática, 1989.

ABRIL – Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF, Vol. 2, nº 2, Abril de 2009.

COUTO, Mia. “*Que África escreve o escritor africano?*”. In: *Pensatempos – textos de opinião*, 2005.

FERREIRA, Manuel. *A propósito da novíssima poética angolana*. Letras & Letras, n. 70, maio 1992.

FULGÊNCIO, Lúcia & LIBERATO, Yara. *Como facilitar a leitura*. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

JENNY, Laurent. *A estratégia da forma*. In: *Intertextualidades*. Tradução da revista Poétique número 27. Lisboa: Almedina, 1979.

MAIA, Maria Christina de Motta. *O trabalho com o texto e a intertextualidade*. In CEZAR, M., BITTENCOURT, BARROS, L. (Orgs). *Entre as fronteiras da Linguagem*. Rio de Janeiro: Lidador, 2007.

MAQUÊA. Vera Lúcia da Rocha. “*Pelas ruas do passado: Notas sobre Luandino Vieira e Ondjaki*”. In: *Revista Ecos. Literaturas e Linguísticas*. Coordenação de Agnaldo Rodrigues da Silva. ANO VI, nº 8, ISSN: 1806-0331, 2010.

ONDJAKI. *Materiais para Confecção de um Espanador de Tristezas*. Portugal. Editora Caminho, 2009.

PERRONE-MOYSES, Leila. *Literatura Comparada, intertexto e antropofagia*. In: *Flores da escrivantina*. São Paulo. Companhia das letras, 1990.

<http://betogomes.sites.uol.com.br/ArlindoBarbeitos.htm>, capturado em 05 de julho de 2010.

<http://www.kazukuta.com/ondjaki/ondjaki.html>, capturada em 01 de junho de 2010.

[http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/238/entrevistados/ondjaki\\_2007.htm](http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/238/entrevistados/ondjaki_2007.htm), capturada em: 20 de maio de 2010.

<http://www.ueangola.com/index.php/criticas-e-ensaios/item/115-literatura-sobre-hibridismo.html>, capturado em 12/02/2011.

<http://www.ueangola.com/index.php/criticas-e-ensaios/item/121-uma-refleãosobre-os-modelos-de-representanaliteraturaangolana.html>. Capturado em 12/03/2011

<http://www.ueangola.com/index.php/entrevistas/item/365-hei-de-escrever-enquanto-fizer-sentido.html> , capturada em 11/12/2010